

Divergências com FMI, o tema da conversa

ANY BOURRIER
Correspondente

PARIS — Eram 6h30m quando o Presidente do Banco Central do Brasil, Antônio Carlos Lemgruber, e o Coordenador do comitê bancário que assessora a dívida externa brasileira, William R. Rhodes, do Citibank, começaram a tomar o café da manhã, no Hotel Georges V, em Paris. No cardápio, constavam essencialmente os problemas da dívida externa brasileira.

O Presidente do Banco Central expôs ao Presidente do Banco que lidera os credores brasileiros, durante uma hora, a posição do Governo do Brasil em relação à nova etapa de negociações com o Fundo Monetário Internacional (FMI), e também explicou-lhe quais são os pontos das novas exigências do FMI com os quais o Brasil não concorda.

Rhodes estava acompanhado por mais dois banqueiros do Citibank e um do Banque Nationale de Paris (BNP), um dos principais credores

franceses do Brasil. Na saída, não quis fazer declarações à imprensa. Também não foi possível furar a cortina de mistério que envolve as negociações do Clube 14, os maiores bancos privados credores da dívida externa do Terceiro Mundo, que se reuniram em Paris.

Esse tipo de reunião é confidencial, explicaram os banqueiros do Clube dos 14, que formam uma espécie de contraponto ao Grupo de Cartagena. Sabe-se porém que o tema central do encontro, que durou dois dias, foram as recentes declarações do novo Presidente do Peru, Alan Garcia, segundo as quais seu país pretende amortizar a dívida externa no limite de dez por cento de suas exportações.

— Fomos muito otimistas no passado. Desde que aconteceram os problemas do Brasil, em dezembro de 1984, o clima é de pânico. Até o FMI está assustado, como se fosse um médico que descobrisse que é incapaz de curar seu paciente. Pensávamos que poderia se reescalonar a dívida brasileira nos primeiros meses de 85 e isso ainda não aconteceu

— disse um banqueiro americano ao jornal "Liberation".

Além da reunião do Clube dos 14 haverá outra, que já está sendo preparada, a do Comitê Internacional de Coordenação dos Bancos Privados, que vai estudar a possibilidade de concessão de novos empréstimos à Argentina. O Presidente do Comitê reconheceu, porém, que "o quadro não é definitivamente negro, pois o Brasil, que era exportador de matérias-primas, transformou-se em exportador de manufaturados".

Mesmo assim a preocupação dos banqueiros é muito grande. Além da decisão de Alan Garcia eles temem que o endurecimento da posição brasileira e a liderança de Fidel Castro, que convocou uma reunião sobre o tema do endividamento, possam ser um mau exemplo para as outras nações endividadadas.

A bola está agora no campo do Grupo de Cartagena, que vai se reunir esta semana em Lima e certamente exigirá negociações políticas com os credores e o FMI. Mas os observadores europeus não acreditam que os países latino-americanos recorram à moratória.